

PONTO VÍRGULA



**A Madeira
na vida dos
alunos
venezuelanos**
| P. 4

Matilde Santos, Escola da APEL (Funchal)

**Paixão pela
natação**
| P. 8

**Aos 10 anos:
amigos, triatlo
e diversão**
| P. 7

N.º **3**

VI série
dezembro
2020

EDUCAÇÃO



@PVnaEscola

Escola do Carmo Hastear da Bandeira Verde com cerimónia atípica

No âmbito do Programa Eco-Escolas, no dia 20 de novembro, na Escola Básica e Secundária Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas, procedeu-se ao hastear da Bandeira Verde relativa ao ano letivo 2019/2020.

A habitual cerimónia pública de entrega das bandeiras Eco-Escolas e de certificados que atestam o cumprimento de regras assentes na promoção de boas práticas ambientais não foi possível, devido à situação pandémica vivida na atualidade. Este evento costumava decorrer na Praça da Autonomia, no concelho de Câmara de Lobos, com a presença de alunos representantes de distintas escolas e respetivos diretores e coordenadores, bem como de alguns membros da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, da Secretaria Regional do Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas e da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia.

Como tal, e tendo a escola sido premiada com o galardão Eco-Escolas, o hastear da bandeira decorreu de forma atípica e na entrada do edifício, contando ainda assim com a presença dos representantes da autarquia, nomeadamente a sua vice-presidente, a Coordenadora do Programa Eco-Escolas na escola, entre outros responsáveis e elementos da comunidade educativa, alunos, professores e funcionários. Os participantes na cerimónia foram em número muito menor do que o habitual para manter o distanciamento que a ocasião exigia, sem, no entanto, deixar de assinalar o momento.

Margarida Romão
EBS Dr. Luís Maurílio da
Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)



Maria Ferreira, 'Medo amordaçado'
baseado na obra
'O Grito' de Edvard Munch

O Medo

O medo do futuro
A angústia do incerto
A ansiedade do desconhecido
O tempo passa
E eu aqui parado, a vê-lo passar
Cansado da vida breve
Com receio do que esta possa vir a tornar-se
E eu gritando entre estas quatro paredes
Ai, que cansaço pesado!
Ai, que dor torturante!
Oh, o tempo que não pára
E eu que nada posso fazer para pará-lo
Causando tantos desgostos,
Tantas lamúrias, tantos queixumes
Creio, eu
Que me resta apenas aceitá-lo.

**Iara Cró, Maria Ferreira,
Mariana Figueira e Mónica
Figueira**
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



Editor... ...por um dia

Jéssica Ferreira

EBS Dr. Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)

Tenho muitos planos e sonhos em relação ao meu futuro. Um deles é que quero, ou pelo menos espero, que o meu emprego se relacione com comunicação. Já pensei em ser professora de português, mas ao chegar ao secundário percebi que não seria o trabalho ideal para mim. Eu adoro ler e escrever, pelo que esta experiência de editora, um trabalho de comunicação, é desafiante.

Eu gosto imenso de voleibol, tendo inclusive jogado num clube federado, porém deixei o desporto quando o meu treinador saiu da Madeira para dar aulas no continente. Por isso, foi bom voltar ao tema e trabalhar com três textos sobre desporto no 'Ponto e Vírgula'. Caso tenham curiosidade em saber as músicas que têm estado na "tendência", sugiro que espreitem o top 10 da escola da Ribeira Brava, pois também gosto muito de ouvir música. Quando a minha professora me disse onde eu iria e o que iria fazer no projeto 'Ponto e Vírgula', confesso que não me chamou muito a atenção, porém quanto mais se aproximava a hora de ir, mais nervosa ficava. No entanto, adorei a experiência, foi simplesmente fantástica, e a equipa que tive o privilégio de conhecer e com quem pude trabalhar foi "super" simpática e meiga. Nunca pensei que fosse fazer o que fiz no PV, mas foi uma oportunidade que tive e pela qual estou muito grata!

Assim me despeço, dizendo – como a Lisa Luís da Escola de Santana – para nunca duvidarem de vocês próprios, basta erguerem a cabeça e lutarem por aquilo que vos faz feliz.



O minimalismo

Na sociedade atual, o consumo é cada vez mais incentivado pela pressão social, publicidade, tendências e celebridades. O minimalismo é um estilo de vida que tem como objetivo reduzir o consumo desmesurado e desnecessário, estabelecer prioridades e valores, de modo a tornarmos-nos mais felizes com as coisas que realmente importam. Este modo de vida é flexível, difere de pessoa para pessoa, consoante as necessidades e os valores de cada um. Deste modo, através do consumo consciente, é possível direcionar o dinheiro para novas experiências, tais como viagens e novas aprendizagens, que levam à realização pessoal e à criação de memórias.

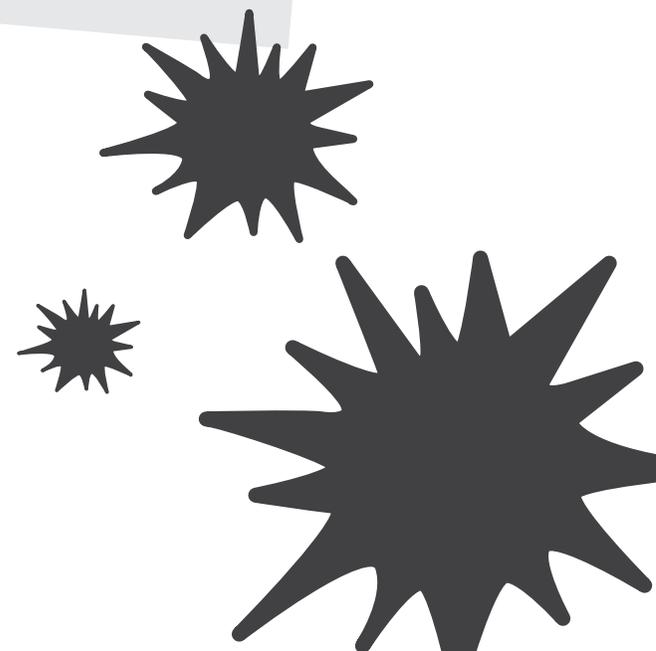
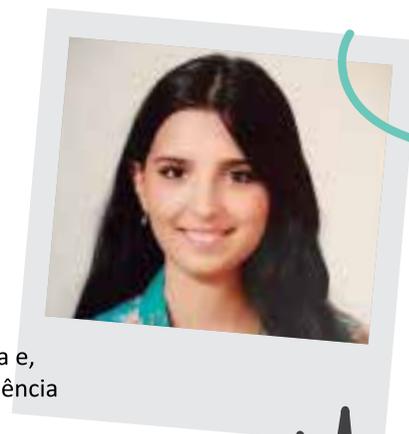
O minimalismo também contribui para a preservação do meio ambiente, dado que incentiva ao consumo do essencial e ao maior proveito possível dos bens que adquirimos. Como exemplo, o movimento *slow fashion* tem como propósito cativar a população para um consumo consciente e sustentável, de modo a preservar os recursos naturais existentes. Em contrapartida, existe o sistema de produção mais requisitado, a *fast fashion*, que produz vestuário em massa, desrespeitando o meio ambiente, poluindo-o com substâncias nocivas, águas poluídas e provocando, inclusive, o exacerbado gasto da mesma (para a produção de uma *t-shirt* podem ser utilizados até 2700 litros de água), com

recurso a mão de obra muito barata e, por vezes, infantil, gerando dependência no consumidor.

No meu ponto de vista, considero que o minimalismo é um modo de vida que incentiva ao desapego do materialismo – do consumo compulsivo que acaba, muitas vezes, apenas por "preencher vazios" – e que, dá lugar à felicidade e à liberdade.

Margarida Góis

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)





A Madeira na vida dos alunos venezuelanos

2020 não tem apenas obstáculos, segundo os alunos estrangeiros da EBS da Ponta do Sol, de nacionalidade venezuelana. Falámos com alguns deles.

A Marialejandra, de 19 anos, expressou o seu agradecimento por tudo aquilo que a Ilha da Madeira lhe tem oferecido ao permitir-lhe ter uma vida com melhores condições. Contou-nos as suas razões de mudança, referindo-se ao seu estado atual de saúde e ao modo como as suas oportunidades foram aproveitadas, tendo-a beneficiado.

A Alejandra, de 17 anos, sente-se privilegiada com a oportunidade que tem de equacionar já as várias opções laborais em Portugal. Disse-nos querer trabalhar muito as suas capacidades académicas e desenvolver um melhor controlo sobre as suas ações a um nível pessoal. O seu objetivo atual é ter motivação para o cumprimento rigoroso dos seus deveres escolares, a fim de decidir, no futuro, a sua profissão de sonho e exercê-la.



Excelentes oportunidades...

A Angie, de 17 anos, é “Sonhadora”; tem metas concretas para a sua vida ao nível pessoal e profissional. A oportunidade de estudar em Portugal pode levá-la a ser médica dentista, acredita. Falou-nos de vir a ter a oportunidade de aprender a tocar piano e também do facto de, na sociedade atual, as oportunidades de ser feliz, oferecidas diariamente, serem desaproveitadas muitas vezes devido às preocupações pessoais. Para ela, a grande oportunidade, depois do contributo de todas as outras, é SER FELIZ!

Diana Fernandes
EBS da Ponta do Sol

Frederico Freitas
EBS/PE da Calheta

O firmamento



A sensação de contacto com tal elemento
Inspira-me da maneira
Que um filho se inspira na Mãe

Este desejo de ser tão desatento
Força-me a buscar simplicidade
Aos objetos que estão ao relento.

Esta visão de contemplar
É tão verde quanto a esperança
Que tenho de manter esta simplicidade.

O sol que se levanta com o vento
Encandeia-me a poeira
Da cria que se alimenta de quem de si cuida.

Este receio do desalento
Obriga-me a bater asas, buscando a liberdade
Que sei só sentirei quando voar.

A bênção de do alto o mundo mirar,
É tão vermelha e feita de oiro trança
Que quero para sempre no coração guardar.

A vida respira das criaturas no firmamento
Como flores terra e mar que
Nos dão a coragem e o alimento
Para aqui continuar a prosperar.



Porto Santo liga-se à Eslováquia, Hungria, Turquia e Países Baixos

Pela primeira vez a Escola Básica e Secundária Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco, no Porto Santo, participa no programa Erasmus+. Efetivamente, este programa consiste num conjunto de parcerias de intercâmbio escolar dentro do projeto 'Cultural Heritage Beyond Borders', parcerias estas que incluem a Hungria, Portugal, Eslováquia, Turquia e Países Baixos (país coordenador do projeto a nível europeu).

Na nossa Escola, as docentes Dalila Peixe e Eugénia Miguéis coordenam esta participação nos anos letivos 2020/21 e 2021/22. O projeto tem como objetivo estimular a partilha do património cultural da Europa, aumentando a consciência da nossa história, cultura, valores comuns, bem como reforçar o sentimento de pertença ao espaço europeu coletivo para, desta forma, poder chegar a um maior número possível de pessoas, em particular aos jovens estudantes, que serão os cidadãos europeus de amanhã.

Assim, a importância da arte e da educação cultural nas escolas tem tudo para se poder desenvolver ainda mais, promovendo uma maior aproximação entre as comunidades geradas pelas afinidades do património cultural. Neste momento, na nossa Escola, apenas participam no projeto os alunos de artes visuais, tendo a sua primeira viagem intercultural programada para janeiro do próximo ano. Se a pandemia deixar.

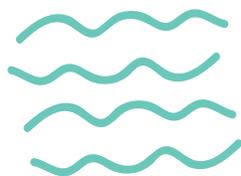
Mariana Correia
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



Contrastes

Há que abraçar o escuro da lua
Sem negar o lumiar do dia...
Há que ser a linha, o traço e a rua
Sem excluir ser cais, porto, guia.
Pois além sendo partida e andar
Há que ser o estar e permanecer...
Há que ser constante oposto querer!
Há que ser contínuo contrastar:
Que mais que o decidir ou negar,
Que mais que o despedir ou ficar...
É este efémero e doce viver!

João David Pestana
ES de Francisco Franco
(Funchal)



Conversa com o Professor Gonçalo Faria

Apontamentos sobre a sua vida profissional e desportiva

Realizámos esta entrevista para conhecermos melhor este professor de Física e Química, diretor pedagógico da Escola da APEL e atleta federado de ciclismo, desporto onde foi campeão regional em dois escalões, na vertente de ciclismo de estrada.

Há quanto tempo é professor e diretor?

Eu sou professor há 20 anos e diretor há cerca de cinco.

O ciclismo faz parte da sua vida e da sua rotina há quanto tempo?

Já são muitos anos de prática, porque comecei a treinar na estrada com 15 anos. Só interrompi a prática para estudar na universidade e quando comecei como diretor.

Porquê o ciclismo e não outra modalidade?

Apesar de ter sido uma criança gordinha, eu sempre gostei de desporto. Treinava ténis de mesa, mas não tinha muito jeito. A educação física não era bem para mim: não gostava muito de correr, nunca tive jeito para futebol, andebol ou outras modalidades mais comuns, mas sempre gostei de andar de bicicleta. Comecei a treinar na estrada com o meu primo, que fazia provas de BTT, e assim comecei a criar gosto pela modalidade.

Como se sente quando compete e obtém bons resultados?

Uma felicidade indescritível! Acho que é isso que vicia nas competições: a sensação de realização. É difícil de descrever o que se sente quando se dedica tempo, quando há empenho, quando se passa por todo o árduo processo e isso produz resultados.

Como consegue gerir o seu tempo?

Eu não tenho fins de semana, férias, nem feriados... Tenho uma grande vontade de tentar fazer tudo pelo melhor, pelo que tenho de cumprir uma planificação exigente, que concilie a família, o trabalho e o desporto, estabelecendo prioridades e evitando excessos ou desequilíbrios. No entanto, com organização e empenho, tudo é possível!

A Madeira é uma ilha cheia de trilhos. O ciclismo de montanha (BTT) pode ser uma forma de atrair turistas para a Madeira?

A Madeira é linda e muito variada, tem trilhos fantásticos e permite, em pouco tempo e no mesmo dia, ir desde o topo da montanha à beira-mar, passando por vários tipos de terreno. Fazer BTT na Madeira é um desafio único, que tem sido divulgado internacionalmente e que tem resultado em provas de campeonato do Mundo. Também a vertente que eu pratico, o ciclismo de estrada, tem enorme potencial, sendo que há atletas que vêm de propósito à Madeira para treinar e desafiar-se nas nossas difíceis subidas, aproveitando o nosso clima ameno.

Acha que a pandemia vai influenciar o desenvolvimento da atividade aqui na Região?

Neste ano em particular, as provas decorrem em dois tempos, mas, apesar dos constrangimentos, foi possível realizar provas da Taça Regional e a tradicional Volta à Madeira. É natural que a pandemia afete a atividade desportiva, mas tanto eu como os meus colegas gostamos, acima de tudo, de andar de bicicleta, por isso preparamo-nos na mesma. Também é verdade que a incerteza tira alguma da motivação para o treino, mas tenho confiança que vamos todos ultrapassar estas dificuldades e que teremos competição.

Bruna Costa e Catarina Garapa Escola da APEL (Funchal)



Imagem da autoria de Décio Ferreira

Botticelli e A Primavera

Sandro Botticelli foi um pintor artista do Renascimento Cultural na Itália, nasceu em 1445 e, desde jovem, mostrou grande talento pelas artes, nomeadamente pela pintura. Faleceu a 17 de maio de 1510, com 65 anos, na sua cidade natal, Florença.

A Primavera, obra também conhecida como Alegoria da Primavera, é um quadro de Sandro Botticelli. Pintado em 1482, representa a chegada da primavera, demonstrando – pela atitude e pelo movimento das personagens – uma ligação harmoniosa entre o homem e a natureza.

A Pintura é uma arte. Através dela, podemos ter uma ideia sobre culturas de povos antigos, modos de viver e vestir, exprimir emoções e sentimentos ou aceder à representação da história de uma sociedade e às críticas sobre a mesma.

A Alegoria da Primavera é importante pelo simples facto de ser uma referência à liberdade, um direito pouco ou nada respeitado na época. As obras do autor levam-nos a refletir sobre práticas e vivências nos dias de hoje.



Sandro Botticelli

Sara Silva
EBS de Santa Cruz



À procura de Mia

Mia era uma jovem encantadora. De imaginação desmedida, amava o mar, as ondas, a areia dourada, o sol escaldante, o chilrear dos pássaros e o harmonioso som das gaivotas. Fugia para o campo só para poder respirar ar puro. Apaixonada pelos livros, sentava-se num arvoredo a citar a sua alma.

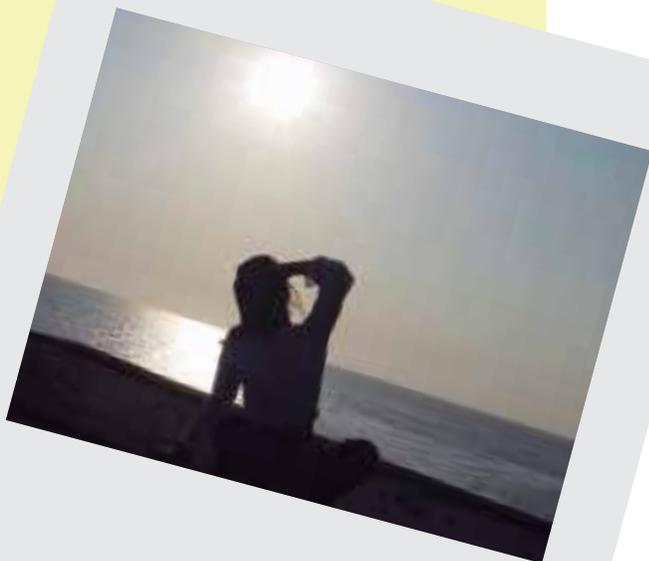
Certo dia, pediram-lhe que contasse um conto. Mia nada tinha para narrar. Então, fez questão de viajar no tempo e reviver. A Mar. Confesso que nada tinha a ver comigo. Nem percebo como é que nos suportámos durante anos. Era uma criança com os seus 7 anos, e descrevê-la é um desafio. Era terrível, destemida, não esperava a hora de ver o mundo em paz. Era culta e conhecia Portugal de lés a lés. Foi este aspeto que mais me fascinou e cativou – a forma como abordava tudo à sua volta e o seu à-vontade perante o mundo.

Agora a Sol. Tinha 17 anos e roubou-me a atenção de imediato, devido à sua dupla personalidade. Eu ficava confusa cada vez que a observava, era como se nunca conseguisse perceber quem realmente ela era. Frustrada por não conseguir ter essa percepção, a vontade de a investigar era cada vez maior. A Sol adorava teatro e, quando representava, transparecia algo com que sempre quis ser. Quando saía do palco e era obrigada a representar no duro palco que é a vida, mostrava-se totalmente irreconhecível. Muito inteligente, duvidava de quase tudo. Era algo com que Sol nunca soube lidar, simplesmente habituou-se a viver assim, neste turbilhão de emoções.

E a D. Lua? Sábia, 80 anos é muita vida, e experiência nem se fala. Sempre que com ela falo, parece que se me cresce a alma. As suas histórias transbordam felicidade, como se quisesse perpetuar a sua existência. Diz que a vida, naturalmente, nos traz as palavras para completarmos as frases que a sabedoria começa e, quando elas tardam a chegar, vamos nós à procura de respostas. Às vezes não percebo o que a D. Lua me tenta dizer, mas gostava tanto de um dia ser como ela.

Foi a história que Mia contou.

Beatriz Mendes
EBS da Ponta do Sol



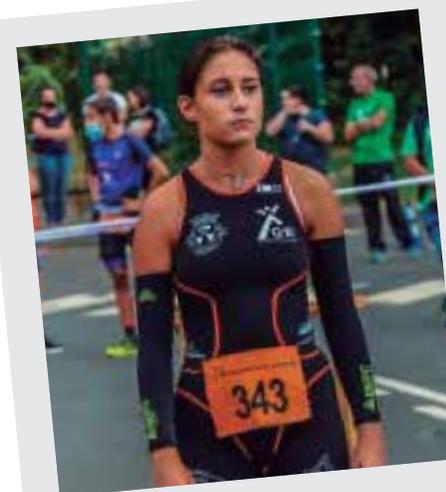
Aos 10 anos Amigos, triatlo e diversão

Tudo começou quando eu tinha apenas 10 anos. Comecei a ganhar interesse por este desporto graças aos meus amigos, porque os via a treinar e diziam-me sempre que era divertido e que o treinador os deixava andar de bicicleta, nadar e correr; o que me chamou à atenção, até que um dia decidi experimentar.

Foram anos de muito esforço, de muito trabalho e dedicação. Com o triatlo fui capaz de representar a Madeira algumas vezes, e mesmo tendo sido poucas, foi uma experiência incrível.

Através do triatlo, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas de outros clubes e, assim, pude criar várias amizades. O triatlo fez-me aumentar a autoestima e pensar em nunca desistir, em nunca ir abaixo, mas sim em levantar a cabeça e seguir em frente.

Considero que este pode ser um desporto exigente, mas – com dedicação, esforço, empenho e persistência – o resultado final será fantástico!



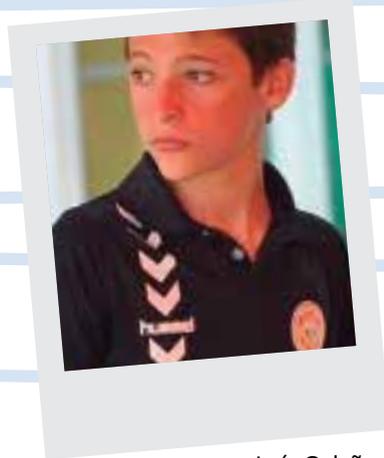
Lisa Luís
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)

«nunca ir abaixo,
mas levantar a cabeça e
seguir em frente»

Top 10 da EBSPMA

1. **Jerusalema** – Master KG
2. **Mais perto de mim** – Syro
3. **Goodbye** – Cire
4. **Nós os dois** – Bárbara Bandeira
5. **MLK Sonhador** – Greg Ferreira
6. **Se acabó la cuarentena** – Joweli y Randy
7. **Relacion** – Sech
8. **La curiosidad** – Jay Wheeler
9. **Hawái** – Maluma
10. **Bem disposto** – Rony Fuego

O top musical da Escola Básica e Secundária Padre Manuel Álvares – Ribeira Brava foi criado pela turma 11.º G, do Curso de Educação e Formação de Técnico de Multimédia. Através da sondagem a alunos dos diversos anos de escolaridade, listaram as músicas preferidas/mais ouvidas pelos alunos da escola.



Luís Galvão, 15 anos, atleta de Natação do Nacional, no estilo mariposa, relatou ao PV como tudo começou: «a minha paixão pela natação surgiu ao ver o meu irmão treinar na piscina. Quis começar a nadar». O seu ídolo é o irmão – «ele chegou longe. O meu pai também me incentivou». Antes de iniciar uma prova, «sinto-me nervoso, mas tudo é superado quando estou a nadar.» O recorde regional conseguido depois do confinamento deu-lhe «muito gozo; este era difícil. Senti-me muito feliz.» A sua rotina é importante: «acordo por volta das 5h30; começo a treinar às 6h; depois vou para a escola. No fim das aulas, volto para a piscina para treinar 1h30 a 2h; a seguir, vou para casa estudar. Assim mantenho a cabeça limpa, na maior parte das vezes.»

Paixão pela natação

«Quero chegar aos Jogos Olímpicos.»

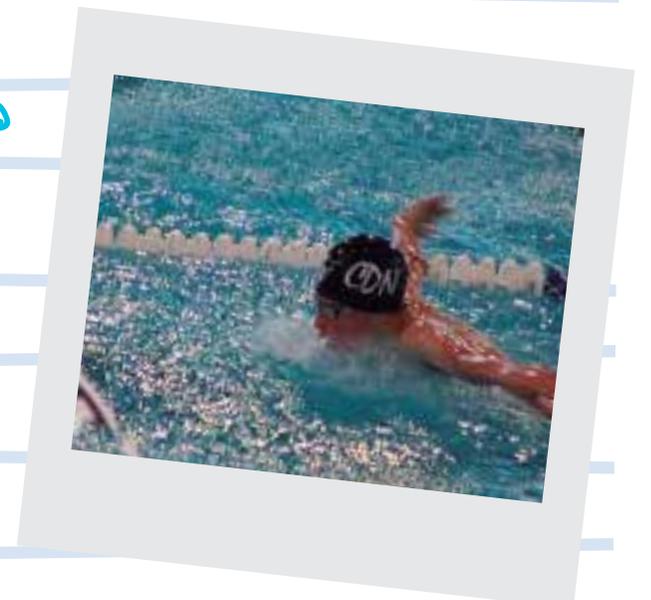
Durante o confinamento custou-lhe «estar longe dos amigos e não treinar. Foi estranho perder essas rotinas.» Para manter a boa forma, contou com os incentivos do seu irmão. «Ele treinou comigo no quintal, fazendo preparação física. Agora posso continuar a evoluir.» Quanto ao futuro, «ainda não sei bem o que quero ser. Gostava de conciliar os estudos universitários com a natação.»

João Rodrigo Correia
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

«A minha maior ambição é continuar a bater recordes, chegar aos campeonatos da Europa e, quem sabe, aos Jogos Olímpicos.»

+CRIATIVIDADE

Com o texto 'Sim, caminhamos a passos largos, mas para que futuro?', Matilde Brazão, da Escola Secundária de Francisco Franco, venceu o prémio +Criatividade da edição de novembro do 'Ponto e Vírgula'. Em breve, passará por uma experiência em piano, orientada pelos professores do Conservatório-Escola Profissional das Artes da Madeira, Eng.º Luiz Peter Clode.



Concurso Escolar

Se és aluno do
Ensino Secundário,
**participa na tua
escola!**

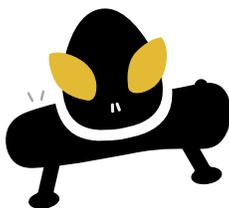


Serafim

Juliana Perestrelo
EBS de Santa Cruz

#ilustração

#Fotografia



Como te destróis?



Laura Jardim
ES de Francisco Franco
(Funchal)



#Conto

Gotas de Chuva

Ela entrou no autocarro. As pessoas olharam-na com olhos atentos. Pareciam querer dizer-lhe algo, porém ela não compreendeu. O sorriso, se é que esboçaram algum, escondia-se por detrás da máscara, assim como o medo e a angústia. À medida que foi atravessando o corredor, cumprimentou alguns conhecidos com um simples acenar de cabeça e sentou-se numa das inúmeras cadeiras desocupadas do transporte público. Era um banco rígido e frio de madeira, onde ainda se podiam ler umas letras rabiscadas na parte de trás do assento. Algo como «Eu estive aqui!». «Eu também estou aqui!», pensou a jovem, «Eu também estou aqui, embora não o queira!». Atrás dela, uma mulher chorava baixinho. A rapariga questionou-se se partilhariam o mesmo cansaço do presente – a fadiga de respirar com máscara, de evitar o contacto com os outros... Seria ela mais uma daquelas pessoas que, à semelhança de si própria, também sentia saudades dos tempos de outrora, do tempo da palavra, do toque, do livre respirar. Pensou na vida que já vivera e naquela que agora vivia. Como o mundo mudara tanto em tão pouco tempo... Mais à frente avistou um pequeno menino com o seu carrinho de brincar. Estava tão concentrado naquele simples brinquedo que parecia estar completamente alheio ao que se passava à sua volta. Ao vê-lo, a rapariga perguntava-se como seria poder ser inconsciente como aquela criança e fazer da vida um jogo, em vez de uma luta. Enfim, não devia pensar nisso. O autocarro movia-se rapidamente,

com vontade de chegar ao seu destino e as pessoas entristecidas iam saindo cabisbaixas, sem olhar para trás. Ao contrário delas, a jovem seguia sem rumo, observando somente as gotas de chuva que agora caíam lentamente do lado de fora da janela. No que estariam elas a pensar? Será que sabiam que estamos a enfrentar um dos momentos mais difíceis da História da Humanidade? Talvez não! Era melhor assim. Quem lhe dera que aquelas minúsculas gotas fossem capazes de formar um exército e combater a pandemia. Se saíssem vitoriosas, as pessoas deixar-se-iam certamente molhar por elas enquanto dançavam ao ritmo de uma bela música em jeito de agradecimento e júbilo. No entanto, seria irrealista pedir àquelas ínfimas partículas de água que aniquilassem o vírus. Seria um crime substituir a alegria com que deixam a nuvem para se aventurarem até ao chão pelo desânimo de combater algo invisível. A rapariga decidiu, por isso, fazer-lhes um pedido. Pediu-lhes que regassem os demais jardins do mundo para que a esperança pudesse florescer. Implorou que rejuvenescessem a alma daqueles que se sentem abatidos e inúteis e que já agora afugentassem o medo dos corações humanos a fim de estes serem capazes de se reerguer depois de caírem. Suplicou que, apenas por uma vez, deixassem de ser apenas constituídas por água e que o fossem também por amor. Conseguiria a chuva concretizar os pedidos da sonhadora rapariga? Só lhe restava acreditar que sim.

Mónica Sousa
EBS da Ponta do Sol





#Reportagem

Stavanger, Um Centro Mundial

Stavanger é uma cidade norueguesa que eu e alguns amigos tivemos o prazer de conhecer no ano passado durante uma semana, graças a um programa de Erasmus. A cidade fica localizada na península de Stavanger, no sudoeste do país, e é muito velha, tendo sido fundada em 1125, e é considerada a Capital do Petróleo da Europa, devido ao facto de ter a maior indústria petrolífera da Europa, o que a faz uma cidade rica.

A cidade, embora tenha evoluído e se tornado num centro europeu moderno, ainda mantém vestígios da sua herança cultural, com muitos prédios antigos e protegidos pelo governo, conferindo-lhe uma aparência única, parecida com certas partes da nossa cidade, especialmente na parte velha, onde existem comunidades inteiras a viverem em lindos prédios centenários, que eu tive o privilégio de ver durante a minha visita.

Sendo uma cidade tão ligada à cultura, não é surpresa que tenha sido contemplada com o prémio de Capital Europeia da Cultura em 2008, prémio que durante um ano destaca uma cidade pelo seu desenvolvimento cultural, cujo prémio foi também atribuído a Lisboa em 1994.

Durante o nosso primeiro dia, presenciamos uma parada de orgulho LGBTQ+, que ocorreu no mesmo dia que um festival de arte local chamado NuArt, que decorre todos os anos no mês de setembro, onde artistas pintam os prédios com arte independente, o que, na minha opinião, trouxe uma vida incrível à cidade enquanto lá estivemos, com peças de arte impressionantes em cada prédio.

Não só a arte era diferente em Stavanger. A comida também era um pouco diferente da nossa. É muito comum comer carne de ovelha na Noruega; eu tive a oportunidade de a experimentar e, para ser sincero, não fiquei grande fã. Questionados os noruegueses sobre este hábito alimentar e, salientado que o consumo de carne em Portugal era maioritariamente bovino e suíno, aqueles mostraram-se deveras surpreendidos, porque lá essas carnes são pouco consumidas devido ao seu elevado custo. Porém, o que eu adorei na culinária deles foi um queijo castanho chamado Brunost, que é feito de leite de ovelha e que depois é caramelizado, resultando num sabor doce e delicioso. Outro choque cultural que observei durante o tempo em Stavanger foi a existência de lagos gigantes dentro da cidade e a forma como eram utilizados. Durante a minha estadia, eu e o resto do grupo de Erasmus tivemos de atravessar um destes lagos gigantes para irmos escalar o famoso Pulpit Rock. Ao chegar à outra margem, e estando nós num autocarro, uma balsa veio-nos buscar, e ao estacionar sobre ela, pudemos desfrutar da vista durante a curta viagem de uma ponta à outra do lago.



Diogo Freitas

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

Prémios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

#Poesia

Natureza Fria

Verde natureza,
Esperança cruel e fria
Dor impregnada nas folhas
Que minhas lágrimas deixam escorrer

Quem me dera poder ser
Um pássaro, vaguear
Ser inconsciente sem nada perder
Passar o tempo sem nada entender

Árvore que me abriga
Quando tudo em mim me desanima,
Que acalma meu choro
De viver uma vida desentendida

O vento causa dor a quem me abriga
E pensar deixa-me perdida
Ser folha, ser pássaro
Salvar minha alma em briga.

Raquel Gomes

EBS/PE da Calheta



#InvestigaçãoHistórica

Vamos à Festa do Bom Jesus!

Na juventude de José Vieira, tudo começava semanas antes do grande arraial, em setembro, com o frenesim dos preparativos. Ele recorda esses tempos de festas e romarias com um brilho nos olhos. Sexta-feira de manhã, despertavam bem cedo para iniciar a viagem do ano. Na traseira do seu famoso Bedford, reinava sempre a algazarra e a cantoria:

– «Primavera das flores
Cuma esta não há mais
Primavera vai e volta sempre
A mocidade não volta mais».

A viagem pela histórica "estrada velha", que serpenteia toda a ilha, fazia-se junto ao mar, entre curvas e grandes cascatas. Quando encontravam um túnel, o alvoroço instalava-se com buzinelas e assobios.

Finalmente, avistavam o local descrito por Horário Bento de Gouveia, no seu romance, Canga: «Foi no norte alcantilado da Madeira que a aldeia de Ponta Delgada marcou a sua realidade humana como lugarejo, condição de vida, rente ao mar, [...] E foi crescendo e frondejando ao afago perene das ondas» (p. 27).

Uma vez lá, espreitavam as decorações da igreja e o brilho dos altares. A devoção ao Senhor do Bom Jesus acompanha-nos até hoje, desde a segunda metade do séc. XV.

E recorda:

– «Entrávamos na igreja e havia muitos cheiros trocados de rosas, gerberas, açucenas. Ouvíamos as pessoas num sussurro a rezar, algumas de lágrimas nos olhos. Se

ficássemos muito atentos, percebíamos o som do mar a bater nas rochas.»

Depois de alimentar a alma, vinha a famosa espetada. Tudo seria regado com vinho e muita cantoria: «com um acordeão, uma braguinha, umas castanholas e um tambor fazia-se festa» – acrescenta a sua esposa, Maria Silva. A romaria sempre foi um espaço privilegiado para namorar, socializar e com grande relevância económica. Os vendedores "de chapéus de palha e rebuçados" ansiavam por ganhar "um cento de patacas".

Já na penumbra da noite, começava o percurso a pé para a Boa Ventura, onde pernoitavam debaixo de uma latada ou no aconchego da casa de um familiar. Dormir não era prioridade; este era o momento de comunhão de histórias, de uma bebida quente para aquecer a alma.

No domingo, quem não tinha boleia para regressar, começava o percurso de volta a casa, a pé, poupando quilómetros pelos trilhos empedrados, os "Caminhos Reais", designação que é dada às principais vias terrestres construídas antes da implantação da República".

Já de volta a casa, os romeiros eram recebidos pelos vizinhos que os ouviam ao longe, alertados pela sonoridade das canções. Os mais novos eram presenteados com um cordão de rebuçados.

Ainda segundo José Vieira, "a chegada a casa era muito calorosa. Era a saudade dos nossos e a excitação de desvendar tudo o que tinha acontecido. Eram uns belíssimos dias.



Depois era descansar num sono profundo, já que as últimas noites tinham sido passadas em claro. E os pés também não perdoam... Tenho Saudades!"

Também eu cheguei à casa da escrita, vinda do "Arraial" que a História, feita também de testemunhos e narrativas, me ajudou a construir. Só me faltou o cordão de rebuçados.

Fontes:

– BENTO DE GOUVEIA, Horácio, Canga, 1976, Coimbra
– Associação de Caminhos Reais da Madeira – <http://www.caminhoreal.pt>
– Madeira Folclore – <https://madeirafolclore.wordpress.com/recursos/festas-e-romarias/bom-jesus-de-ponta-delgada>
– Beatriz Vieira, 'Testemunhos de José Vieira e Maria Silva sobre a Festa do Bom Jesus', recolha oral, 2020

Beatriz Encarnação
ES de Jaime Moniz
(Funchal)

#Reportagem

Uma oportunidade para sempre

Ainda me lembro dos primeiros dias do meu 10.º ano. Entre as incertezas normais acerca da minha escolha de curso, a adaptação à turma e aos professores, houve algo que me cativou na minha diretora de turma e professora de Filosofia, a Prof.ª Carla Freire, que sempre teve uma palavra assertiva e amiga e que nos motivou a participar em projetos de cidadania, como o dia em que recebemos os nossos avós na Escola, para sermos os seus professores. Para além de momentos de descontração, também tivemos de melhorar as nossas capacidades de trabalho, particularmente noutro projeto, acerca de empreendedorismo: o rs4e.

O rs4e – *road show for entrepreneurship* é um projeto que tem como principal objetivo permitir que os jovens, através da experiência prática, possam desenvolver ideias inovadoras de negócio, aprendendo, simultaneamente, a desenvolver projetos economicamente eficientes e de qualidade. Recordo-me de quando foi apresentado na minha turma... fiquei preocupada. Queria participar e até tive, no momento, imensas ideias, que partilhei com o meu grupo de trabalho. Mas nada funcionava... Este foi o maior teste pelo qual passei. Ter de pensar numa nova ideia, que seja interessante e que funcione, que consiga ser útil às pessoas, sendo, ao mesmo tempo, uma ideia rendível, levou-me a um novo nível de aprendizagem, exigindo de mim uma grande dedicação e responsabilidade.

Foi interessante ver como o meu grupo se uniu para concretizar os passos do projeto, a que chamamos 'SafeCar', e que pretendia ser um sistema útil às pessoas, imobilizando automaticamente o seu automóvel, caso se sentissem mal, ligando automaticamente para os serviços de emergência. Também notei que a minha turma, à medida que iam aprofundando o trabalho de grupo nestes projetos, crescia em originalidade e capacidades.

Agora no 11.º ano, e olhando para trás, vejo que as experiências do meu primeiro ano de secundário, e este projeto em particular, fizeram-me ser melhor aluna, porque me deram novas formas de agir, pensar e aprender, dando-me confiança para ultrapassar dificuldades. Posso afirmar que esta aventura de ser empreendedora foi uma oportunidade que ficará comigo para sempre!

Fonte consultada: <https://www.rs4e.com/rs4e/o-que-e>, em 27/11/2020

Foto do grupo do trabalho 'SafeCar', do rs4e. Cedida por Juliana Marques



Juliana Marques
Escola da APEL (Funchal)

#Poesia

Ausência

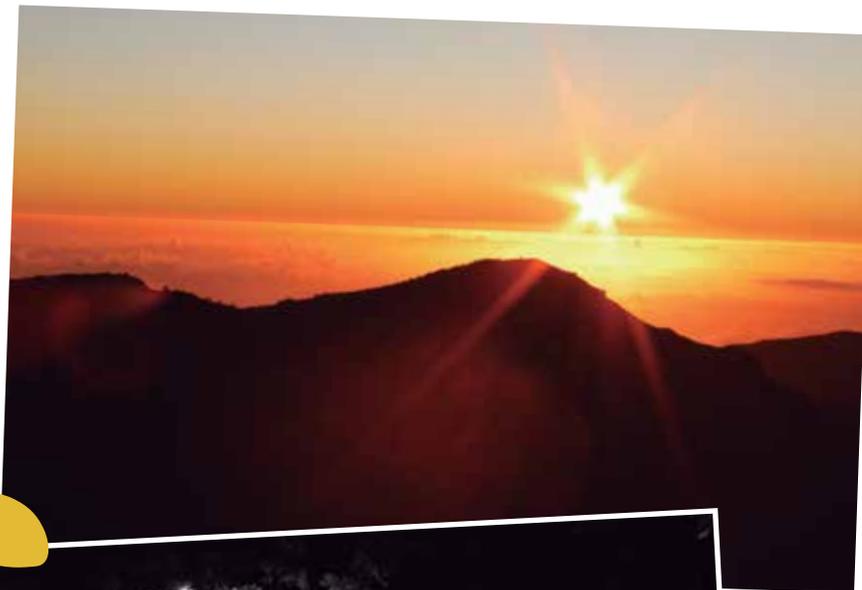
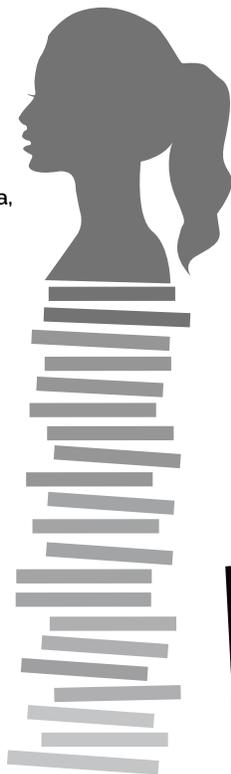
Ausência!
Que tipo é este de ciência?
Ou será coincidência?
Talvez até consequência?
Significará carência?
Será solidão ou influência?
É um sentimento que vem com frequência,
Mas com muita consciência,
E é preciso muita paciência.
Deste sentimento gostava de ter independência,
Talvez até abstinência.
Estranha é a sua falta de transparência,
Sem motivo, continua a exercer resistência,
Exige ardência.
Monstruosa seria a sua aparência,
Pena este aspeto ter inexistência,
Somente se experiencia,
E com muita resistência
pois, sente-se insuficiência.
É preciso muita força e eficiência,
Sobretudo resiliência.
Parece que sou a sua residência!
É um sentimento de inteligência,
Sem um sequer ponto de inocência
Nada obstante à sua imensa arrogância
Tão bom que desaparecer tivesse a decência...
Todavia de quê a ausência?
De mim? Da minha antiga potência?
Nem sei, mas tira-me a sonolência,
Pois vem com toda a sua turbulência.
Será da adolescência?
Será desta minha existência?
Deveria ter autoconsciência.
Contudo, nos meus planos não está a desistência,
Visto que ainda consigo ter mais astúcia,
Poderei enfrentar a concorrência,
Superar esta minha vivência,
Que requer muita persistência,
E calma em abundância,
Para voltar à minha essência
E deixar de vez esta demência.
Afinal, qual o porquê desta ausência?
Será a minha inconsciência?
Ai, como gostava de ter mais clarividência!
Precisarei de mais competência?
Ou necessitarei de mais sapiência?
Será apenas falta de benevolência?
Farta de tamanha divergência
Urgência, urgência,
De amor próprio chega de ausência!!!

Maria Inês Pedro

EBS/PE/C do Porto Moniz

#Fotografia

Ensaio sobre a luz



Thomaz Moreira
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



#Reportagem

Único, irrepetível!

No âmbito do Programa Erasmus+, sete alunos imbuídos de espírito aventureiro, da Escola Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, de Santana, partiram a caminho da Eslovénia, no intuito de realizar um intercâmbio intitulado "Back in Time", entre 23 e 27 de junho de 2019.

Na perspetiva dos alunos, era uma oportunidade única, imperdível! Aprimorar laços com jovens da Macedónia e do país anfitrião, a Eslovénia? Estávamos prontíssimos! Nem que para isso fosse preciso investir quase dois dias de viagem, extenuantes, para atingir o nosso destino... À cabeça deste projeto, contamos com a liderança da docente Lúcia Rosa. Esta refere que «a convite da Associação de Amigos das Artes, 'Teatro Metaphora', e com o objetivo supremo de promover a participação dos jovens em intercâmbios internacionais, fui incumbida de orientar os trabalhos em Trbovlje, na Eslovénia». E, logo, acrescenta: «De pronto e com enorme satisfação, aceitei o desafio de acompanhá-los numa experiência que, irrepetível, lhes trará benefícios impossíveis de quantificar!» O tema aglutinador era, de facto, "Back in Time"! O objetivo maior preconizava o desviar de atenção das redes sociais para

a ação do quotidiano. Foi necessária uma boa preparação: antes de fazermos as malas, organizamos entrevistas aos pais e aos avós acerca dos jogos tradicionais dos seus idos tempos livres, para posterior divulgação. Visitamos, ainda, um lar de terceira idade, realizamos *snaps* diários com uma câmara Polaroid e tivemos *workshops* de alfabetização digital e de pensamento crítico, tendo, ainda, tomado parte numa peça de teatro.

Foram dias de saudável azáfama. As pessoas, maravilhosas! As instalações, ótimas! Os locais! As distintas formas de cultura! É difícil explicar: alegrias, aprendizagens, memoráveis pura e simplesmente. Crescemos muito pessoal, cultural e socialmente e, claro, aprendemos como é relevante tomar decisões. Também houve lágrimas...! Daquelas em que nos revelamos. Afinal, comungar de três gerações, com a exibição diária de *snaps* e perfis analógicos dos participantes, com a escrita e desenho de um livro dos jogos e a

partilha de tantas e tantas experiências não podia deixar ninguém indiferente!

A professora Lúcia Rosa conclui: «As competências sociais e pessoais que os jovens tiveram a feliz sorte de adquirir incluem-se na educação não formal. A alegria patente nos seus rostos é a prova de tempo inolvidável, plena de experiências que os acompanhará ao longo das suas vidas!»

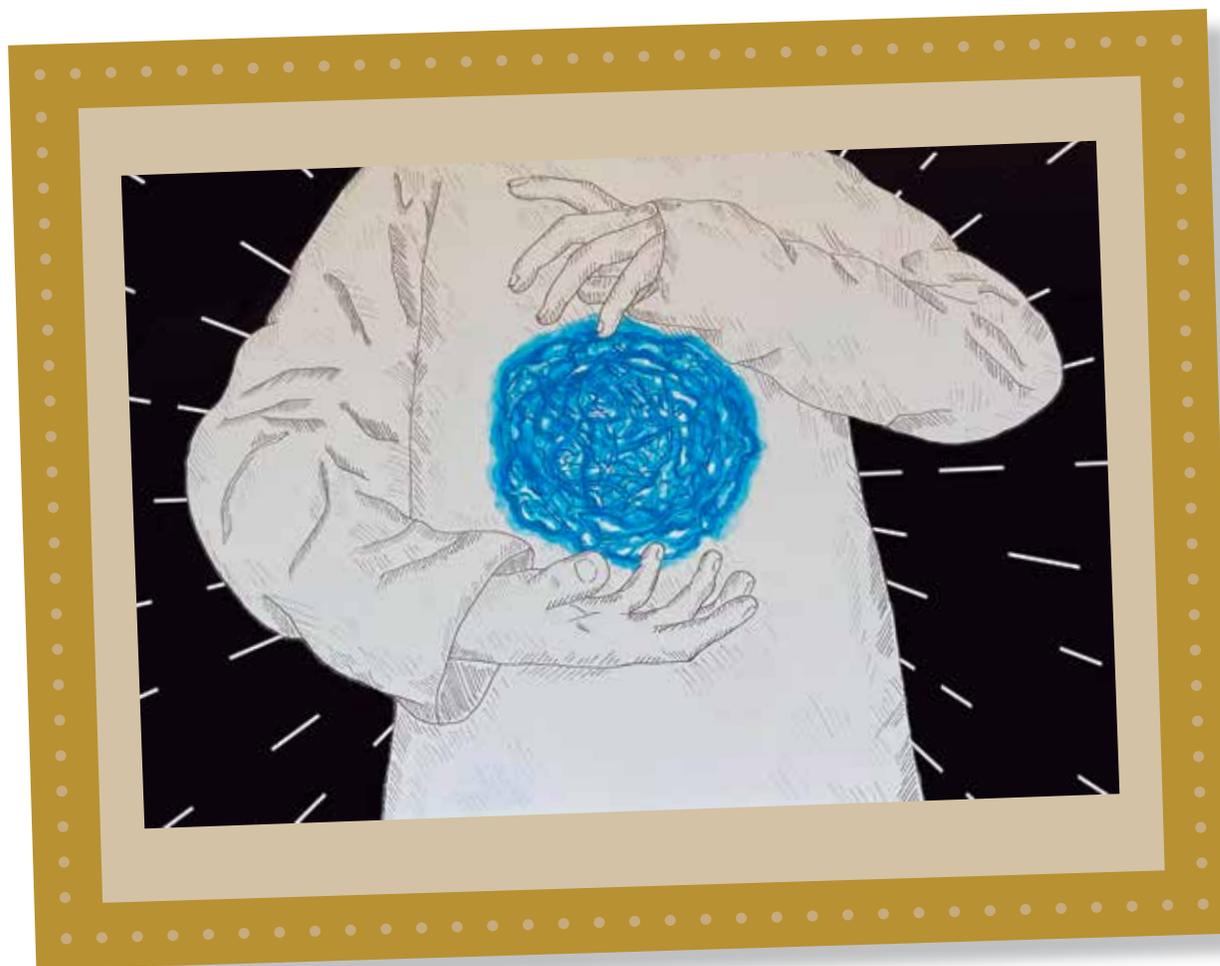
Para nós, este intercâmbio representou uma oportunidade única e irrepetível, guardada num cantinho especial do nosso ser, um orgulho.

Nádia Andrade

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



#Ilustração



Power Ball

Maria de Sousa
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

#Conto



Era só um abraço

—Marcamos para daqui a duas semanas? – disse num modo apressado para atender o próximo paciente. — Sim. – respondi eu, depois de uma hora cansativa de conversa. Saio da sala e passo novamente pelas paredes brancas que me tranquilizam sempre que tenho de esperar pela minha vez. Despeço-me da psicóloga e começo a descer as escadas do prédio. Dei por mim a pensar em como deixei que as coisas chegassem àquele ponto. Ao ponto de ter de frequentar uma psicóloga. Cheguei a sentir-me afogada de perguntas às quais não sabia as respostas e de testes que, sem dúvida, traduziam aquilo que sentia em muitos momentos da minha AINDA curta vida. Afinal de contas, sentei-me em frente a uma estranha e despejei assuntos pessoais. Da minha vida. O que achava até há algum tempo uma situação tola, passou a ser um hábito para mim.

No fim das escadas, reparei na figura feminina, elegante e cansada, mas que apresentava uma expressividade positiva repleta no seu sorriso simples. Senti-me segura, não só por conhecer aquela figura, mas também por ser a minha mãe. Uma pessoa calma e meiga, uma pessoa de dar e receber. Deve ser por isso que sempre me senti tão bem perto dela. Finalmente deixamos o prédio e dirigimo-nos ao parque de estacionamento, sem dizer uma única palavra.

O regresso a casa foi tranquilo. A cantar como fazemos sempre, só nós as duas. Às vezes penso que assim seria mais simples. Sem correrias, sem stresse, apenas uma música e um momento. São estes momentos que aproveito com a minha mãe. A atenção dela é tão doce! No meio de tanta confusão, foi ela que se apercebeu de que algo não estava bem em mim. Na verdade, até foi de admirar tendo em conta a selva que é a minha casa. Tão cheia de gente e ao mesmo tempo tão vazia.

Ao enfiar a chave na porta, já ouço os pequenos passos de três crianças e o barulho de gente adulta a conversar. É o ruído do costume. Nesse instante, sei perfeitamente que a atitude da minha mãe vai mudar e a minha expressão fica tensa só de pensar que estou de volta a casa e o tempo com ela chegou ao fim. A minha mãe pede-me ajuda para o jantar; a minha irmã mais velha, que perdeu recentemente o emprego, pede-me que olhe as crianças; o meu pai manda-me arrumar a bagunça delas; a minha avó pergunta pelos óculos; a minha irmã mais nova implora que a ajude com os deveres e a roupa ainda está para pôr a secar. A minha dificuldade em dizer "não" é absurda. Mas a revolta cresce. Porque é que nunca consigo fazê-lo? Esforço-me todos os dias para agradar a todos, tento ser útil e mesmo assim passo despercebida. Como é que ninguém percebeu que algo estava errado? Provavelmente pensaram que era só mais um drama de uma menina de 11 anos e que mais tarde passava. No meio desse dito drama, sempre ouvi: «Eu sei o que é ter 11 anos, filha», então como é que nunca perceberam que tudo o que eu mais precisava era do aconchego de um abraço, de um colinho dos 11 anos? Afinal a criança cresceu rápido demais.

Margarida Ferreira
EBS D.^a Lucinda Andrade
(São Vicente)

#InvestigaçãoHistórica

Prémios
laVie
FUNCHAL
SHOPPING CENTER

Senhor dos Milagres

O Senhor dos Milagres é a maior festa religiosa de Machico. A sua origem remonta à aluvião de 9 de outubro de 1803, que causou grande destruição. Conta-se que, em Machico, as águas da ribeira galgaram as suas margens e que a ponte que ligava a Banda D'Além ao centro da vila desapareceu, assim como parte da capela de Cristo erigida na margem direita da ribeira, onde se rezara a primeira missa da Ilha, junto às sepulturas dos ingleses Machim e Ana de Arfet. Nesta capela, estava a imagem do Senhor, também arrastada para o mar e dias depois encontrada a boiar por uma embarcação americana. Não conseguindo seguir viagem devido ao forte vento em direção contrária, foram entregá-la à Sé do Funchal. A imagem do Senhor estava intacta, o que foi considerado um milagre. Assim se iniciou a devoção ao Senhor dos Milagres.

Os devotos sempre foram muitos, vindos de todos os cantos da Ilha. A pé ou de lancha, os romeiros chegavam a Machico para louvarem ao Senhor e obterem alguns bens nas romagens, organizadas para angariar fundos para a capela. Hoje, não se fazem. A festa começa ao anoitecer do dia 8 de outubro, com a procissão que leva o Senhor da capela dos Milagres para a igreja matriz, feita à luz de cirios e archotes que iluminam o caminho e criam um ambiente de fé, silêncio e grande introspeção. Noutros tempos de maiores dificuldades, muitos eram os que percorriam a procissão descalços, pois poucos podiam adquirir calçado. Hoje, é o pagamento de promessas que o justifica.

Fontes:

– AAVV, "1803-2003 Memórias de uma Aluvião", in Patrimónios n.º 1, 2003
– Ana Maria Santos, "Testemunhos de pescadores sobre os modos de fazer e de vivenciar a Festa do Senhor dos Milagres noutros tempos", recolha oral, 2020

Para além dos cirios, muitos crentes levam partes do corpo feitas em cera, peças de forte valor emocional, pois atestam a gratidão pelas graças do Senhor dos Milagres. Característicos desta procissão são os archotes, antes levados apenas por pescadores. Hoje, os archotes têm uma estrutura robusta, mas em tempos eram feitos de madeira de "casquinha", uma madeira muito fina, e tinham cerca de 1m de altura e a espessura de um dedo na extremidade. Na ponta, uma torcida de pano embebida em petróleo ardia durante todo o percurso. O seu uso remete para o momento em que os pescadores receberam a imagem vinda do Funchal e acenderam fochos para alumiar o caminho até à capela. Sabe-se ainda que, antes, eram apenas 12 homens a levar os archotes, simbolizando os 12 apóstolos.

Pescadores, calafates e voluntários de camisa branca carregam o andor com o Senhor, dando início à procissão. Seguem-se os padres, a Banda e no fim os fiéis. Antigamente, o andor era levado às costas, mas em 2003, ano do bicentenário da aluvião, os calafates criaram uma réplica de lancha, sobreposta numa estrutura com rodas, que permite que o andor seja levado por um comité de 7/8 pessoas: 3 calafates marítimos, 2 pescadores à frente, 2 atrás e 1 no travão.

Na tarde do dia 9, a imagem do Senhor retorna à Capela.

A Festa do Senhor dos Milagres é uma festa especial, intimista, pouco profana, à qual ninguém, crente ou não, fica indiferente.



Ana Maria Santos
EBS de Machico

#Conto



A cinza que é tudo

Alice nasceu numa pequena família, algures num país da América do Sul. Passava a maior parte do tempo a brincar no enorme jardim que envolvia a sua casa. Desde muito nova, sonhava ser cidadã do mundo, conhecer sítios novos, pessoas, tudo o que alguém com quinze anos poderia desejar. Assim, logo que teve oportunidade, iniciou a sua caminhada pelo mundo fora. Quase a terminar a sua aventura, encontrou um pequeno ponto no mapa que ainda não tinha visitado. Esse ponto era a Madeira, uma terra pequena, de muitos costumes, que a recebeu de braços abertos. Rapidamente percebeu que queria ficar mais tempo, já tinha feito amigos, ainda havia muito para conhecer e o seu coração dizia-lhe que aquele era o sítio. Foi lá que acabou por conhecer Alfredo, um homem simples e trabalhador que roubou o lindo coração de Alice.

Com o passar do tempo, acabaram por ir viver juntos. Optaram por não casar, pois o que era realmente importante para ambos era estarem juntos e achavam que ainda não era o momento ideal. Passados alguns anos, o amor entre ambos era cada vez mais forte, até que nasceu um rapaz, chamado João.

Ele era tão fofo, muito calmo e rapidamente aprendeu a andar.

Quando João fez quatro anos, Alice e Alfredo decidiram que era altura de aumentar a família. Assim foi, Alice estava grávida, radiante..., mas rapidamente ficou desolada ao descobrir, no segundo trimestre de gravidez, que tinha uma doença grave. Apanhada de surpresa – como se lhe tivessem cravado um punhal no coração – foi obrigada a antecipar o parto para os sete meses de gestação, para dar início aos tratamentos o mais rápido possível. Após uma cesariana complicada, iniciou o tão doloroso combate, sempre a sentir a tal dor que não sabia de onde vinha. Lutou com todas as forças que tinha e mesmo com as que não tinha. Dia após dia, essas mesmas forças diminuíam, os tratamentos não paravam, e a desolação de perder a infância e a educação dos seus filhos estava a consumi-la por completo.

Passados oito meses do nascimento da sua menina, os médicos revelaram-lhe o restante tempo de vida, dois meses. A luta estava a chegar ao fim, o tempo estava a terminar e ainda havia tanto para fazer, para viver... Conhecido já o seu fim, Alice

disse a Alfredo que desejava, antes de partir, dar-lhe o seu coração. Queria casar, pois deste modo os filhos teriam direito ao apoio necessário para terem a melhor educação possível. Alfredo, devastado, casaria, não como tinha idealizado, mesmo assim marcou tudo, rapidamente. O único sítio possível foi o quarto do hospital, na companhia de médicos e enfermeiros... E o amor, este... a partir dali foi eterno. Esse dia, apesar de desejado, continuava a ser tão triste...

Alice, já conformada com o seu destino, pede ao marido um último desejo. Queria ser incinerada para que depois ele e os filhos fossem até à sua terra natal e depositassem as suas cinzas no jardim de sua casa, sítio onde fora feliz durante muitos anos... Seria um regressar a casa, com a sua família, pelos céus que percorreu...

Não seria um adeus, mas um até já...

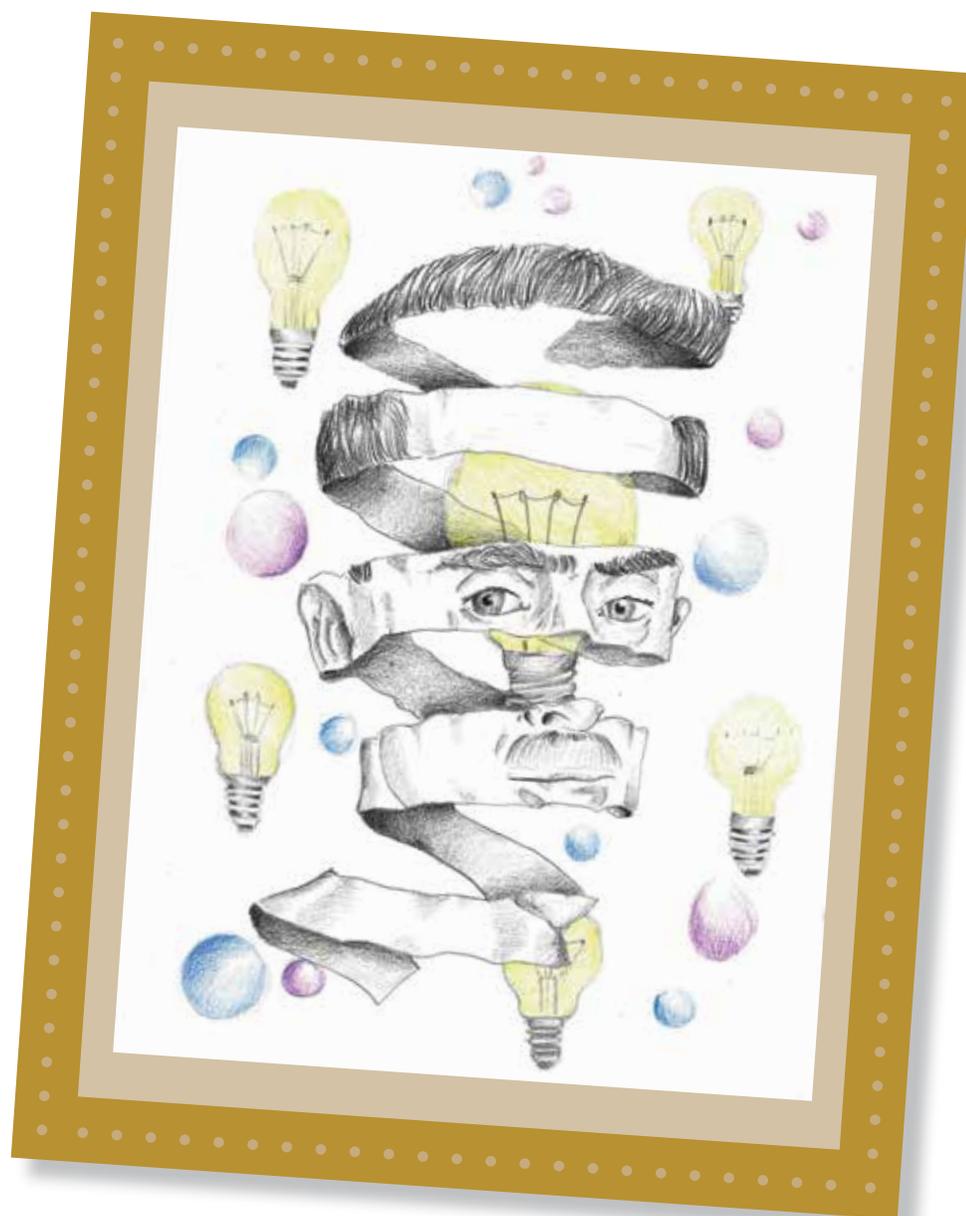
«Mesmo longe andarei sempre por perto...»

Carlos Eduardo Gouveia
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

#Ilustração



A Origem do Invento



Agostinho Teixeira

EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)